

# A CHOLDRA

## QUE HA?!

Chegam até nós informações da existencia de profundas e gravissimas desenteligenças no seio do governo claramente dividido em dois grupos, cada um dos quais unindo-se em torno dos titulares da pasta da guerra e da presidencia do ministerio.

Disem-nos que este ordenou à sua policia especial rigorosa vigilancia dos actos daquele a quem acusa de, contra si conspirar!

Garantem-nos que essa policia levou o seu zelo a nem sequer abandonar o ministro da guerra nas noites de carnaval, vigiando com especial cuidado os seus gestos e actos praticados quando se divertia (a policia chama-lhe conspirar) num dos bailes de um club-*chic*.

Da-se como certo que, da banda dos ministros mais chegados ao sr. Antonio Maria da Silva, já se aventou a hipotese da prisão do chefe do Exercito.

*Que há!?*...

Sim. Que ha?

Fala-se na dissolução de força armada na intenção de a *depurar* dos seus maus elementos. Diz-se que esta medida, de que discorda o ministro da Guerra, tem por fim afastar do exercito alguns dos mais dedicados republicanos que não sejam affectos á politica do sr. Antonio Maria da Silva.. *Que ha?*

Garantem-nos que, quando dos ultimos boatos de uma *generalada*, o sr. Teodorico dos Santos commissario da P. S. E. levou ao sr. tenente coronel Mascarenhas uma longa lista de graduados officiaes para que fossem presos.

Nessa lista figuravam os srs. Sinel de Cordes, Cabeçadas e Valdez, comandante de artilharia.

Perante tal comunicação, o chefe do Exercito, atonito, visto ter confiança em toda a guarnição, ter-se-hia negado a satisfazer o capricho da P. S. E. e teria dado uma resposta *voltando o felleiro contra o felleiro*.

Isto é, teria dito ao sr. Teodorico que o preso devia ser este porque quem conspirava era o commissario da P. S. E. juntamente com alguns officiaes cujo nome citou.

Repetimos: *que ha?*

Que estranha, que inaudita serie de manobras se preparam na sombra sem conhecimento do Povo, sem auscultar o Povo e talvez até contra ele!?

Que fez o governo, até agora, para castigar os officiaes, as centenas de officiaes, que, *assinando*, se comprometeram a entrar no movimento militar!?

Para que covarde entrega se prepara!?

Onde estão os *papellinhos* que passaram por todos os quartéis e *propositadamente* não foram á G. N. R.?

Não sabe o governo, não sabe a G. N. R. que os homens das juntas Militares, os ditadores tem no seu programa a dissolução desse brioso e republicano corpo de tropas!?

Estranho silencio e estranha attitude!

*Que ha?*

A serie de vergonhas espantosas, de cabalas tremendas e de manobras maquiavelicas não se limita á vida interna da Nação.

A vergonha já se estende alem das fronteiras!

No ministerio das colonias existe uma amesquinhante nota pelo governo ingles dirigida ao de Portugal que colide com a nossa situação de país digno e independente!

A essa nota, cuja existencia e cujo conteúdo vai ser revelado no Parlamento, não deu o governo a unica e altiva resposta que merecia dela guardando segredo e fazendo misterio. Continuamos, como no tempo da monarchia, com a diplomacia do segredo!

Acaso a situação pessoal de qualquer ministro portuguez junto do representante de uma nação que nos ofende, já se sobrepõe ao nosso prestigio e dignidade nacionais!?

*Que ha?*

# A Republica em perigo

As ditaduras militares plutocratas, que se anunciam, são um perigo para a Liberdade e para a Republica; mas a continuação do partido Democratico a dominar o País não é um perigo menor. É necessario e urgente que os esquerdistas se unam e enfrentem esses dois perigos, afastando-os corajosamente.

Já no nosso ultimo numero, gritámos que nos unamos, como um só homem, contra a ditadura que se prepara.

*É necessario que tal se faça, e já.* Os homens livres de *Portugal*, não podem deixar, sem o seu protesto veemente e formal, feito em todos os campos, vencer a Riverada que se prepara, ou o Mussolini que se anuncia.

Mas, nesta hora grave para a *Republica*, de negros horisontes para a *Liberdade*, é forçoso perguntar, de quem é a culpa do que se prepara e do que se anuncia?

Essa culpa cabe inteira ao sr. Antonio Maria da Silva e aos dirigentes do partido democratico!

Na hora de tomar posições, é necessario que esses homens tomem a posição de reus, que são, de traição consciente ou inconsciente á *Republica* e á *Liberdade*, para que respondam pelos seus crimes.

O partido democratico é o responsavel indirecto dos perigos que ameaçam a *Republica*. O sr. Antonio Maria da Silva o responsavel directo. O partido democratico tem sancionado sem protesto e até com apoio, todas as prepotencias de maldade e odio desse rancoroso politico que ora preside a um governo que, desse partido, safu.

São as deportações sem julgamento; são as prisões arbitrarías; são as interminaveis incomunicabilidades; são as transferencias dos officiaes e sargentos republicanos que não militam no seu grémio, que não se curvam aos pés do sr. Silva, e lhe não chamam estadista com E grande; são as deportações dos republicanos que se revoltam contra este estado de coisas, enquanto aos monarchicos e aos conservadores se lhes dá um tratamento especial; é o regime de corrupção que o mesmo sr. Silva implantou, para melhor se aguentar nas suas habilidades que não repre-

sentando intelligencia têm sido prejudiciaes ao País e á *Republica*; são as falcatruas eleitorais cometidas por esse partido dentro e fora do parlamento, operadas por indicação do mesmo homem; são, numa palavra, toda a sua obra imoral e anti-republicana!

Unamo-nos, sim, contra a ditadura que se prepara, afastemos esse perigo que paira sobre os homens que querem viver sem peias e sem mordaca. Afastemo-lo com coragem, e depois desse perigo afastado, voltemo nos para o partido democratico, que é tambem um grave perigo para o País e para a *Republica* enquanto tais *estadistas* o orientarem.

A continuação no poder do partido democratico, não é um perigo menos grave que aquele outro a que nos referimos. Torna-se necessario a união de todos os esquerdistas, sem distincção de partidos ou grupos, para expulsar, em nome da salvação do regime, o partido democratico de todas as situações que occupa adentro da Republica e de que se apossou por violencias e traquibernias.

E preciso que a Esquerda Democratica, o Partido Radical, a Acção Republicana, o Partido Socialista, sem deixarem de combater os *Riveras* e os *Mussolinis*, não deixem tambem de combater, e com energia, os democraticos. Não é só necessario expulsá-los do poder, corrê-los do parlamento, das camaras, das juntas, onde eles veem fazendo uma obra de engrandecimento pessoal e partidario á custa do Povo. É tambem necessario ir mais longe. Ir ao Ministerio da Justiça, afastar o sr. Germano Martins, tirar-lhe da mão a magistratura e o registo civil, entregando esses cargos a quem os exerça imparcialmente sem cuidar de partidos.

O mesmo se torna necessario fazer ao sr. Daniel Rodrigues, para que a Caixa Geral de

# A tormentosa odisseia dos deportados

Tempestades e riscos de naufrágio — Arribadas forçadas — Um radio da morte — A bravura e o carinho da marinagem

A consciencia e o dever sugerem-nos o desejo de relatar com toda a lealdade, e sem a menor reserva, essa odisseia de vencidos que representou a viagem tormentosa do vapor de salvação — ironica designação! — *Patrão Lopes*. Foi em meio de tempestades e privações horríveis que se fez a travessia do Tejo a Ponta Delgada, em cuja hermetica fortaleza ingressaram os chefes da revolta de 2 de Fevereiro.

As 22 horas, a noite era de luto e pavor! Desencadeara-se ameaçadora tempestade pouco antes da partida. Contudo, a tripulação correu aos postos. De sobre a ponte de comando, o comandante deu a voz de largar. Sente-se logo o ruído ensurdecedor das maquinas e o *Patrão Lopes*, com fraco vapor, lá singrou até alturas de S. José de Ribamar, para aguardar que de madrugada pudesse sair a barra.

À vontade iam os presos — licença expressa pelo comandante do navio. primeiro tenente João Monteiro de Barros, bravo marinheiro. E enquanto se afastava, para o horizonte, a formosa cidade de marmore e granito, os forçados viajantes não sabiam reprimir os tremores da saudade. Barbaramente castigados, nem lhes permitiram o adeus dolorido das familias! Em todos os deportados havia agora nostalgia e dôr, que as lagrimas furtivas ou irreprimidas denunciavam.

A cada quarto de hora, soava o dobre rapido de uma sineta — era o vigia que na gavea se afirmava alerta. As helices do vapor iam traçando sobre as ondas esteiras brancas. E de minuto a minuto brilhava a luz branca e rubra, ia-se em cautelosa navegação.

O comandante, marinheiro experimentado, não receava os vagalhões, nem os ventos contrarios. O navio, leve como uma ave, saltitava caprichosamente na crista das vagas. Os marinheiros olhavam o Oceano como se recreassem o olhar numa avenida. Só os deportados se não conformavam e o mais corajoso é Martins Junior, ao lado do comandante, sobre a ponte. O dr. Lacerda de Almeida não oculta o seu desanimo. Alguns outros debatem-se com enjôos.

A tempestade é furiosa — e o conta-milhas marca apenas seis á hora. Montanhas liquidas cobrem o pequeno barco, que se faz sempre ao largo, sobre a linha de navegação, na rota para as ilhas.

Haviam decorrido doze horas, estava-se a 250 milhas da costa. Um violento ciclone a todos desorienta e o comandante, exausto como a tripulação, manda vestir os cintos de salvação, temendo graves perigos de naufrágio. Era velho o barco, mas dava admiraveis provas de nautica. Os presos abraçavam-se, receosos do perigo.

Era humanamente impossivel prosseguir a viagem. Então, fez rumo a Cezimbra, no intento de alcançar porto de salvação. Maquinas a trabalharem para a ré e o navio sem sair do mesmo ponto durante tres horas. O ciclone não abrandava e era já de sete horas a sua duração.

Num momento, o *Patrão Lopes* mete água por estibordo, à proa. Funcionam as bombas que se activam no esgotamento. Os marinheiros estão tomados de fadiga e, contudo, são eles que animam carinhosamente os desventurados presos e que vencem as dificuldades. Vinha aproximando-se o crepusculo. O *Patrão Lopes* alcançava Cezimbra.

Logo que o atormentado navio fundeou, o comandante fez visio:ia às maquinas. Estava avariado já o *burinho* da caldeira, e se tal avaria se honvesse dado no alto mar, o naufrágio seria inevitável e subito.

Concluidos os fabricos, o *Patrão Lopes* saiu o porto de Cezimbra e singrou até à *Cova do Vapor*, a oeste da torre do Bugio, arribando e ficando a aguardar ordens. Já o tempo abrandava.

Horas depois, o sinistro presidente do ministerio teve conhecimento do que se passava. Supunha o navio já em Ponta Delgada. E um rádio foi recebido a bordo, ordenando que o navio seguisse imediatamente, qualquer que fosse o estado do mar.

Era o rádio da morte! Entrestecia e revoltava tamanha ausencia de humanidade! Tendo de obedecer à intimação, o comandante fez singrar para o mar.

Um tufão apanhou o fragil navio, a 500 milhas da costa. Haviam-no pressentido todos a bordo. Foi uma angustia! Os navegantes, porém, animados por suas crenças, reagiram bravamente. E, após seis dias de tormenta, chegaram todos a porto de salvamento — Ponta Delgada.

Efectuado o desembarque, os presos deportados deram ingresso na fortaleza de S. Braz. Foi-lhes concedida liberdade pouco depois e foram hospedar-se no hotel Central, responsabilizando-se o sr. Martins Junior por todas as despesas.

A despedida, Martins Junior e Lacerda de Almeida agradeciam com efusão ao primeiro tenente Monteiro de Barros, comandante do navio, o carinho que a todos fora dispensado. O comandante retribuiu, admirando-se da correcção que os presos haviam manifestado em todos os momentos.

E no dia seguinte, com bom tempo, o *Patrão Lopes* partiu. E apenas com tres dias de viagem e sem novidade, fundeava em Lisboa. Consumara-se mais um crime do ditador Antonio Maria da Silva!

ALBANO NEGRÃO.

Depositos não seja o salvaterio dos varios Pin-tos de Azevedo, do partido democratico.

Ha que ir á Administração do porto de Lisboa e dizer ao sr. Rodrigues Gaspar que o seu lugar não é ali e que quem quero automoveis de luxo os compra á sua custa. Ha que ir aos Correios e Telegrafos afastar o sr. Antonio Maria da Silva e ver com atenção todas as contas desses serviços, pois desde 1918 que não ha organogramas, ver ainda como se tem feito a adjudicação dos transportes das malas postais e como se tem consentido a mudança de meios desses transportes, nem deixar de ver tambem como se tem feito a admissão dos sorventes, cujo quadro está tres vezes excedido, etc., etc.

Ha que ir em nome da moralidade a todos

os redutos desse partido — e tantos ele tem! — mantidos com os dinheiros do Estado.

Mas esta obra de sanidade politica só pode ser levada a efeito pelos esquerdistas. Por *Riveristas*, por *Mussolinis*, não. Os militares que só na ditadura militar e conservadora encontram remedio para estes males, já deram as suas provas nos governos Pimenta de Castro e Sidonio Pais.

Os conservadores não resolvem o problema, agravam-no. Estão ligados aos Bancos, aos altos potentados do Comercio e da Industria. Cuidam e pensam pouco no Povo.

Só os esquerdistas podem e devem salvar a Republica.

*Porque esperam?*

# O PERIGO CLERICAL

## Ainda existe a lei de separação da Igreja do Estado?

Multiplicam-se as congregações em Portugal — A reacção clerical campeia triunfalmente

Atacados de frente por uma forte corrente de opinião publica, embaraçados nos seus movimentos pela antipatia que a população por eles nutria, os clericais desbarataram-se no cinco de outubro, sem opor grande resistencia. E ao baterem em retirada, muitos até para o exilio, era grande o seu desanimo, convencidos e reconven- cidos de que, enquanto soprasse o vento que vi- vificara o espirito liberal deste povo, toda a energia que se empregasse resultava inutil.

Mas a Igreja é uma organização internacio- nal, poderosissima e vastissima, contando com o ouro de muitos banqueiros, com o apoio politico e interessado dos Estados conservadores, com um exercito disciplinado de padres, com quadri- lhas numerosas de agentes, servidores e espiões, para considerar um desaire como irremediavel e aceitar uma derrota como liquidação definitiva. Rapidamente refeita do seu acabrunhamento, de- pressa entrou na liça a batalhar pela reconquista do que perdera. Erradamente, a principio, ima- ginou possível a restauração da monarchia e nela se empenhou, pregando no norte, ostensi- vamente, a contra-revolução, com o acrescimo de energia por parte dos seus servidores que orientando a acção pelas suas palavras, emigra- vam em grande numero para a Galiza para o alistamento da grotesca hoste conceirista que os faria reentrar vencedores.

Desconvencidos desse facto pelas pesadas derrotas sofridas, os reacconarios caíram nova- mente no marasmo, vegetando tristemente alguns anos, diante do grande desanimo que as igrejas, quasi ás moscas, mesmo á hora das missas, pro- vocavam. O miseravel sidonismo surge e com ele a Igreja ressurgue: as relações com a Santa Sé reatam-se e os padres sentem-se novamente em terreno conquistado até que o correctivo de Mon- santo os lança em novo esmorecimento.

Data de aí seu abandono das lutas politicas, e a Igreja, compreendendo que não podia andar mais tempo ligada á sorte duma monarchia sem probabilidades de ressurreição, assume uns ares neutrais e cessa de, abertamente, hostilizar a Re- publica. Seus esforços passam a convergir para um simulado congregamento, compreendendo, com astucia, ser mais facil entrar por uma porta

aberta do que arrombar, em pé de guerra, uma porta fechada e bem defendida.

A sua attitude de aparente transigencia come- çou dando prometedores frutos e a politica foi gradualmente tornando-se reacconaria, usando para com o clericalismo duma benevolencia que nunca teve para os que tiveram a veleidade de supor que não ser monarchico equivale a per- tencer de corpo e alma a esse politico sem ideal, a esse dirigente sem sensibilidade, sem intelligen- cia, conhecido, execradamente conhecido, pelo nome de Antonio Maria da Silva.

\*

\* \*

A opinião liberal não soube aproveitar a sua victoria sobre a reacção. Supôs que a tinha ven- cido quando apenas, e momentaneamente, a des- moralisára. Julgou que ela não reagia só porque se não atrevia a aparecer á luz do sol — á luz do sol que a intimidou e horrorisou. Fosse-se lá falar no perigo reacconario aos que se jactavam de livre pensadores: era de entristecer sua ce- gueira e sua ignorancia obstinadas. Isso de *Ja- suitas* cessára de vez, estava fóra de moda, não existia a não ser em cabeças esquentadas ou em pessoas que careciam de curar-se dessa perigosa doença que era a mania da perseguição. Gente falha de rancores, esquecendo facilmente seus odios da vespera, tratavam o inimigo como um vencido digno de comiseración, merecedor, quan- do muito, duma troça ligeira e inconsistente, troça de botequim. E, enquanto, nos que poderiam obstar ao desenvolvimento do perigo rea- cconario, só se exteriorizava indiferença e scepti- cismo, o clericalismo metodicamente ia ganhando suas antigas posições e empalidecendo a impor- tancia das derrotas sofridas. Pela provincia, os padres aumentavam de audacia, ostentavam pu- blicamente sua corrupção dos costumes e ganha- vam grande poderio nas populações das aldeias e das vilas, alastrando sua influencia até ás ci- dades.

A casta aristocratica e os bandos que me- dram em torno do prestigio dos brasonados, apro- voitaram-se da miseria e da ignorancia, e com

estes dois males foram construindo a fanatização do povo. Vieram as Florinhas da Rua, vieram muitas especies de instituições de caridade, inaugurou-se o espectacular acto — tirar do chapéu ás igrejas do Deus catolico — e a breve trecho, perante milhares de fiéis embevecidos e milhares de livre pensadores distraídos, a Virgem faz em Fátima sua aparição a três garotinhos, e um dos « olossos » da imprensa, com o tradicional cinismo dos seus processos, que naquela feia e insignificante população o sol cometera o mliagre de bailar! Embasbacaram de norte a sul do país, e da terra árida de Fátima a Igreja começou recolhendo tesouros de fé e de dinheiro, cuja cifra indicava que os reacionarios tinham realizado, mercê da vergonhosa transigencia dos mentores da actual politica vincadamente reacionaria, com inegáveis vantagens, uma obra de fanatização religiosa.

Ultimamente «A Batalha» encetou uma vigorosa campanha, denunciando pormenorizadamente a existencia do perigo clerical, incluindo nele o jesuitico, e apontando factos que bem revelam o poder que a reacção adquiriu neste país — poder que pula acima das leis e se exerce num á vontade perfeito.

Fátima gerou uma congregação que existe em Santarem. Esta congregação tem noviças, tem freiras, e instalou-se num antigo convento adquirido, mercê de varias complicitades, ao Estado, por baixo preço, esmifrando o numa ou duas centenas de contos, com dinheiro de jesuitas, figurando na operação da compra, para desviar suspeitas, a vi condessa de Andalus, superiora da congregação. Os dois collegios congreganistas de Santarem — Pensão e Créche de Nossa Senhora dos Innocentes — fabricam exclusivamente freiras, para o que ministram ás educandas toda a especie de loucuras misticas, forçando-as, além das missas diarias e das confissões semanais, a frequentissima leitura de santas alucinadas que calcavam toda a sua sensibilidade o tudo desprosvavam, tudo, inclusivé seus filhos, pela vida conventual. Desses collegios já saíram raparigas para os conventos da Visitação e dos Carmelitas de Espanha, sem que seus pais tivessem exercido qualquer opposição.

As que não partem para Espanha ficam professando em Santarem, trabalhando afincadamente, mesmo nos mistores mais humildes, para o alargamento crescente da influencia reaccionaria. As menores roubadas astuciosamente ao convívio e á influencia das familias, são tambem vilmente exploradas, para o que existem umas tipografias catolicas, denominadas União Cragne, onde elas aprendem a profissão de tipografo, compondo e imprimindo depois por baixo preço, quando não gratuitamente, os folhetos miraculosos de Fátima, os jornais que se distribuem

nas igrejas, e toda a especie de impressos destinados ao embrutecimento deste povo, confiante e bom. Ultimamente, a exploração refinou: a «União Grafica» de Lisboa, que fica ali para a rua de Santa Marta, já publica anuncios nas «Novidades», de trabalhos tipograficos em vantajoas condições. Os jesuitas invadiram a Beira Baixa e estabeleceram nela missões religiosas, tendo conseguido já raptar, para Espanha, gente moça; invadiram o ensino estabelecendo no Porto, na Povoá do Varzim, em Lousã e em Cintra collegios seus — os denominados collegios das Doroteias. Num deles — o do Porto — está sequestrada, com nome suposto, a unica sobrevivente das três crianças a quem a virgem appareceu em Fátima.

Não ha acontecimento em que a reacção clerical não intervenha, não ha meio social em que a sua acção se não faça sentir. Os banqueiros estão a seu lado, os politicos, as maiorias parlamentares, estão lhe nas mãos, a maioria dos governos e muitas consciencias corrompidas vão procurando harmonisar a democracia com a teocracia. As leis são calcadas aos pés pelas congregações e os padres afrontam livremente os que ainda sabem manter perante a Igreja uma attitude de rara e admiravel coerencia, e a infancia está sendo deprimida e fanatisada nas sacristias. Se não se puzer um dique ao avanço reacionario, esta republica, que já é de banqueiros e está salpicada de agua benta, será em breve a republica ideal das freiras, dos monges e des jesuitas.

## “Bacalhau a pataco”

Os caluniadores de ontem são os mesmos de hoje

De um discurso do sr. dr. Afonso Costa, proferido nas Camaras em 1903:

«... ha alguns monarchicos menos bem intencionados, que têm espalhado que os republicanos prometem, nos seus discursos, ás classes menos instruidas, não só a abolição dos impostos, mas a perfeita felicidade para o dia seguinte ao da proclamação da Republica. Repto, do alto desta tribuna, que se ouve em todo o país, quem quere que tivesse proferido semelhante imbecilidade, a que venha declarar o dia, a hora, o local em que tais afirmações se hajam feito, e o nome do individuo pertencente ao partido republicano a quem possam attribuir-se! Se ninguem apparecer a levantar este repto, ficar-se-á sabendo que hoje, em Portugal, o combate aos republicanos só pode fazer-se pela mentira e pela calunia!»

# O 7.º aniversário de "A Batalha"

O nível mental do operariado revelado na ridícula  
organisação do programa das festas comemorativas

A semana que ontem terminou foi para o operariado a *Semana da Batalha*, o período em que se realizaram as comemorações do 7.º aniversário do jornal que é o porta-voz do proletariado organizado entre nós.

Essa semana que acaba de se evocar foi, porém, para o triunfo da idealogia avançada e dos princípios do sindicalismo, mil vezes pior do que uma greve geral frustrada.

Ha erros de tática que podem ser sensuráveis, mas não aviltam; há derrotas, que são vitórias morais; ha atitudes, porém, que, pelo ridículo, —matam.

Essa de comemorar o aniversário dum jornal avançado, sindicalista, revolucionario com um programa próprio de qualquer sociedade recreativa é afrontosa para as ideias que esse jornal defende, é profundamente dolorosa para quem sinceramente crê o proletariado a nebulosa da grande força renovadora, que ha de transformar a face das coisas.

Ninguém ignora que o indice mental do operariado português é baixo. Dizendo-o não pretendemos ser desagradáveis aos operarios; constatamos uma verdade irrefutável, a culpa da qual não cabe na sua maior parte aos trabalhadores.

A Republica, que tanto prometeu nas horas luminosas da propaganda, votou ao abandono os problemas da instrução do povo e da educação post-escolar, encontrando-nos nós a esse respeito em situação pior do que a de antes de 1910. Por seu lado os dirigentes operários, alucinados pela obra da organização primeiro pela defeza das regalias conquistadas depois e pela luta contra as scisões agora, não tiveram tempo para olhar a sério para a educação moral e intelectual das massas

Esse estado de incultura em que permanecem os nossos operários, não é, portanto, culpa só deles. E' o principalmente dos seus orientadores, dos chamados militantes, que algumas luzes mais obrigavam a inscrever no seu programa de acção—o desenvolvimento da cultura do operariado e do povo em geral.

Não succedeu, porém assim. Os militantes, entretidos na disputa dos penachos, esqueceram-se da parte educativa da sua missão; hoje, sete anos volvidos sobre o aparecimento do primeiro numero do grande jornal que deveria ser *A Batalha*, organizam, para comemorar esse acontecimento, um programa de festas, aburguezado e rapioqueiro, sordido como concepção e que deve ter sido ultra-ridículo como realisação.

Para celebrar o aniversário dum jornal revolucionario, como é *A Batalha*, realiza-se uma kermesse, com prendas oferecidas por pessoas prendadas. Esqueceram-se de fazer a «venda da flôr... Querem coisa mais «pires»?

Depois um militante sindicalista realiza uma conferencia sobre «A missão da imprensa operaria» e permite-se defender a tese de que os jornais do operariado

deveriam ser redigidos por operarios, não reconhecendo aos profissionais da imprensa essa qualidade. A discussão da bizarra tese levar-nos ia muito longe.

Desejariamos, contudo, perguntar a esse sindicalista se, dentro da lógica, entende que as doenças dos operarios devem ser tratadas por estes, assim como se as botas dos jornalistas passariam a ser feitas por eles e não pelos sapateiros. De resto, não se compreende que o sindicalismo seja esse que anda a reclamar as oito horas de trabalho e que aconselha a determinados operarios que depois de se esgotarem durante essas oito horas, vão ainda para a redacção dum jornal trabalhar até de madrugada, no mais absorvente e depauperante dos esforços. Isto por não ser crível que esse sindicalista aconselhe os seus camaradas a abandonar uma profissão em que podem ser mestres, para seguir temporariamente outra (em que serão, pelo menos durante largo tempo aprendizes).

Pelo criterio do conferencista, amanhã o «Diario de Noticias» seria redigido por padeiros, o «Seculo» por caixeiros de mercearia, «A Epoca» por sacristães e assim sucessivamente, não havendo portanto lugar para os profissionais do jornalismo exercerem a sua actividade. O principio que a burguesia tanto defende e que tantas vezes tem tentado pôr em pratica de organizar jornais com quadros de redactores e tipografos correligionarios das respectivas emprezas e portanto de sua confiança, encontra assim um ardoroso paladino num sindicalista-revolucionario, com fumaças de perceber alguma coisa de imprensa e de jornalismo.

Deixemos as desorientadas palavras do conferencista e vamos aos ridiculos do famoso programa.

Respiguemos ao acaso alguns numeros desse programa digno de qualquer sol-e-dó manhoso, em que o disparate campelou. Assim, houve uma conferencia de Nogueira de Brito sobre a Influencia do Teatro na «educação popular», numero proprio do programa dum comemoração como a que se pretendeu fazer, a par por exemplo, desta coisa profundamente imbecil—«Entreacto de polémica teologica—filosófico-social: Não creio em Deus».

Outra enormidade: no mesmo dia os alunos da Escola de Arte de Representar Araujo Pereira alternaram, num sarau, com o Grupo Dramatico e Musical *Os Amigos da Parodia*...

O que mais impressionou nessas festas grotescas foi o ridiculo de certas designações. Por exemplo: na quinta feira a «Troupe Musical *Os Bichinhos*», fêz para lá quaisquer gracinhas á maneira do Clube Simões Carneiro.

E' lastimavel que os operários quando se agrupam em grémios recreativos não encontrem denominações menos ridiculas, do que as de *Bichinhos* ou de «Amigos da Parodia», mas mais lastimavel é que os dirigentes sancionem exhibições picaras de fungágas carnavalescos em celebrações que deveriam ter não a gravidade conselheiral, das coisas burguezas, mas a digna e altiva linha de correcção que é timbre do trabalhador consciente.

O resto do programa é constituído por sessões de ilusionismo e de hipnotismo, concertos por bandas da

# Dirigidos e dirigentes

Tantas e tantas vezes aqui teremos que criticar, analisar e combater a acção dos partidos políticos do regime; tão numerosas serão as ocasiões proporcionadas aos nossos olhares de humildes mas firmes pugnadores por uma Republica moldada em bases e principios em que a moral politica não seja distinta da boa e sã moral exigida a pessoas serias; que não vem a despropósito o afirmar, clara e lealmente, que nunca, sejam embora muito violentos os nossos ataques a qualquer agrupamento politico, eles deixarão de admitir algumas e honrosas excepções.

Mais: que a nossa critica, mesmo quando feita em globo a um partido, nunca pretenderá visar a massa popular, a *choldra* que a eles pertença.

Ao atacar, não visamos os «dirigidos mas sim os «dirigentes»—os responsaveis, os «gros-bonnets, os maiorais, os chefes.

Para nós que de *Choldra* nos intitulámos, é querida a *choldra*, o povo, esteja ele onde estiver—nos democraticos, nos radicais, nos nacionalistas, socialistas ou em qualquer outro partido.

Não tem consigo o partido monarchico gente do povo—não tem, mas, se tivesse, para ela iria nosso igual carinho e nosso cuidado em bem os orientar mostrando o unico bom caminho e o mais rapido conductor para a conquista da Liberdade e bem estar.

O *Povo*, a *choldra*, esteja onde estiver, é, quasi sempre a vitima dos dirigentes que eleva sobre o escudo das suas illusões sempre renovadas.

A *choidra* é sempre bela nos seus gestos collectivos: no «Terror» guilhotinando os nobres ou em 5 d'Outubro guardando os bancos.

Queremos-lhe como a nós mesmo que do Povo somos e de *choldra* nos chamamos altiva e orgulhosamente.

Vem isto a proposito de muita gente super

que, ao atacarmos o criticarmos com a violencia necessaria e justa, o Partido Democratico na sua fase actual, atacamos pequenos e grandes sem distinguir os responsaveis das victimas, os dirigidos dos dirigentes.

Não. Sabemos distinguir e queremos distinguir. Dentro do velho partido da esquerda republicana muitos filiados existem, quasi todos os que ao Povo pertencem, que discordam e sentem na sua alma a revolta perante a evidente, a nitida traição levada a cabo pelos seus actuais dirigentes.

Sabemos que muitos vêm com dôr e revolta o esquecimento dos seus principios republicanos, o imperar da corrupção o reinar da venalidade no seu seio.

Falta-lhes a coragem para reagir temerosos do completo esfacelar daquilo que *ainda* julgam uma força, a maior, de defesa da Republica. Ocultam a sua vergonha, a sua tristosa e a sua revolta para não quebrar a *unidade partidaria*. Compreendemos o espirito que os anima mas não hesitamos em solenemente lhes afirmar, como o fizemos no uosso primeiro numero, que estão executando o extenuante e improficuo trabalho de dar vida a *um cadaver*—o cadaver de um partido minado, roido pela vermina plutocratica e reacionaria de uma dezena de homens quasi todos de regresso ao seu passado de monarchicos!

Nitidamente assente: quando gritamos a nossa indignação justissima contra o Partido Democratico ela não visa os pequenos mas só os seus dirigentes que do esquerdista o tornaram conservador e de liberal o fizeram reacionario.

Com os pequenos marcharemos para toda a parte em defesa da Republica quando ela perigar.

Com os grandes marcharemos sim mas para os conduzir ao tribunal do Povo que os possa julgar do tremendo crime de *talção* á Republica!

---

Outra-Banda e um espectáculo teatral qualquer. Por esta amostra se poderia levar a burguesia a fazer uma erada idela do que será amanhã, no campo intellectual, a ditadura do proletariado.

Senhores dirigentes do operariado: Os senhores não têm o direito de ser ridiculos.

Sobretudo não tem o direito de envolver na mesma onda de grotesco os trabalhadores que em má hora os escolheram para seus chefes de fila.

Nada os obrigava a promover a solene (?) e gaitreira comemoração d'este 7.º anniversario de «A Batalha». Se o queriam fazer, porém, recordassem a elevação com que decorreu a festa comemorativa do 1.º anniversario desse jornal. No primeiro ano fez-se mais e melhor do que seis anos volvidos. E' que a gente era outra então, e tem sido sistematicamente afastada, oudi-gramente se afastou, em face do fervilhar de intrigas,

de ambições e de incompetencias que os senhores muito bem conhecem.

Assim não vale. Lã com os Filhos da Paródia e com os Bichinhos rapioqueiros não temos nada feito. Isto não vai com «ilusionismos» e «polémicas tragicofilosófico-sociais». Val com cabeças! E cabeças é que os senhores não tem.

Deixem pelo menos aos poucos intellectuais que ainda entre vós se mantem a direcção estética das massas e em vez dos «Bichinhos» teremos um grande Orfeão Operário, em vez do ilusionismo teremos conferencias, festas de arte, e em vez de quermesses teremos concertos de boa e elevada musica e tudo o mais que possa contribuir para a cultura de quem tanto dela precisa, para se fazer respeitar por aqueles que sobre serem ricos de tudo o são ainda de saber.

A continuarmos assim, senhores dirigentes do operariado, a burguesia perderá o pouco medo que ainda vos tem e a C. G. T. portuguesa passará a ser considerada—fora e dentro do país—uma sucursal do Clube do Calcinhas.

# Antonio Maria botou fala

Botou fala aos humanos, exortou o povo da sua patria, o regedor-mór destes reinos. De arauto lhe serviu o *Diario de Lisboa*, o moderno periódico que aos cafés vem fazer todos os dias as orações da tarde.

Falou Antonio Maria, encobridor de ladrões, protector de monarchicos e de todos os inimigos da Republica, perseguidor de republicanos e de operarios e de todos os homens que possuam má ou boa soma de ideal, arbitro supremo e intangivel da vida e bens dos cidadãos portugueses.

E da fala de Antonio Maria nada ficou que esclarecesse a publica expectativa. Modelo de estilo antoniomariano é o trecho que vai a seguir transcrito:

«Digo sempre que sou abordado que este governo está trabalhando regradamente sem exhibições como convem á politica da nação em circumstancias graves e que quer no Parlamento quer nos jornais a nossa obra que por vezes parece passar despercebida no que tem sido eficiente já está apontada por declarações que tenho feito e até por simples noticiario».

Ninguem percebe, mas o pensamento do regedor-mor deve ser profundo—tem mecanica... Ponha-lhe o leitor as virgulas que melhor souber colocar—não ficará sabendo mais.

O exórdio de Antonio Maria é todo de igual quilate, iluminando-se na parte em que fala de si proprio:

—Entre nós ha sempre quem conspire, e não tenho duvida em afirmar que ha pessoas que conspiram de boa fé.

O que significa que ha pessoas que conspiram por vicio e por mau sentido politico. Podia ir longe neste capitulo, mas não vale a pena. O governo da minha presidencia, porem, não tem receio algum de conspirações.

Já o sabiamos nós, dada a animação que mostram os esconjurados fascistas derrotados vergonhosamente no 18 de Abril. Apesar das dificuldades de interpretação, a linguagem do regedor compreende-se: pessoas que conspiram de boa fé são aquelas que não querem suportar o arbitrio de um ditador sem intelligencia, sem cultura politica mas habil servo do conservantismo.

Conspirador de má fé e de mau sentido politico, o Antonio Maria, que conspira quando está de baixo, quando está á vez—Antonio Maria conspira sempre, até por ancestralidade. E conspira, agora, no governo, contra a propria opinião republicana e liberal do país.

Escutem:

—Descontentamentos ha muitos: eu mesmo sou um desontente, e, por isso, sou governo e hei-de ser,

consciente das minhas responsabilidades por todas as formas e feitios, até indicação constitucional em contrario.

Pessoalmente ser presidente de ministerio não me interessa. Eu bem sei que todos dizem o mesmo, mortos por virem para esta situação. Mas tenho o desasombro de confessar que politicamente, já que sou governo, hei-de defender esta posição, porque estamos, eu e os meus colaboradores, empenhados numa obra util e seria, sobranceira a interesses, sejam de que natureza forem, e absolutamente identificados com a vontade nacional: —moralidade publica, administração e equilibrio financeiro.

Não se pode mentir com mais refinado des-caramento. E vem logo com este arremedê do jogador que faz dominó para os dois lados:

—Ou me levam para a *morgue* ou este governo mete na cadeia todos os patifes, depura as forças militares e civis de todos os porcalhões, endireita a situação financeira e põe neste paiz definitivamente ordem moral.

Desafio afrontoso, estas palavras que precisam uma resposta á letra. Deste jáés são todas as afirmações obtusas do vacuo regedor-mór do reino de Portugal. Para o ignorante politico, a nação nada mais é que uma simples freguesia!

Defende as deportações como uma medida de largo alcance social, um homem que é o mais pernicioso elemento de odios e revoltas. Tem sempre duas opiniões: uma teorica, outra pratica, á escolha do reacionarismo que ele serve com tanta dedicacão. Assim, na questão dos tabacos e em todas as questões de interesse nacional. E é a isto que ele chama «boa politica, sciencia aplicada».

Sabem os leitores quem redigiu a entrevista de Antonio Maria? Foi o proprio regedor-mór. Alguem, na redacção do vespertino *Diario de Lisboa* colocou ao acaso inumeras virgulas, sem paciencia para lhe aclarar a prosa e eliminar tantas preposições integrantes que eram inuteis.

Ora, guarde o *Diario de Lisboa* esta caixa-nha...

---

## Aos nossos assinantes

A CHOLDRA pede aos seus assinantes o favor de deixarem em suas casas ordem para o pagamento das respectivas assinaturas cuja cobrança já iniciámos.

Cada assinante d'A CHOLDRA deve arran-jar mais três assinantes



# Intoleravel tirania

O P. R. P. de hoje e o P. R. P. de ha 50 anos. Quem defendeu as boas doutrinas republicanas. O bolchevismo dos esquerdistas e o monarquismo dos democraticos

Os homens que o directorio do P. R. P. afastou «por defenderem doutrinas perigosas» e, «por estarem em rebeldia dentro do partido que na sua maioria deseja a ordem social e a tranquillidade nos espiritos», e ainda porque «as doutrinas que apregoa não são republicanas mas subversivas, bolchevistas», muito se devem ter rido com estas e outras asneiras geradas nos cerebros vãos dos homens que, no partido democratico, de derigentes se acoimam.

No entanto, facil é demonstrar que «as doutrinas perigosas,, dos homens que hoje compõem a Esquerda Democratica, já foram apregoadas ha meio seculo por Oliveira Marroca, Latino Coelho, Simões Raposo, Souza Brandão, Gilberto Rola, João Bonança, Elias Garcia, Consiglieri Pedroso e tantos outros que a morte ha muito ceifou.

Em Agosto de 1876 foi constituído em Lisboa o *Centro Republicano Democratico Português*.

Do officio circular que por essa data foi enviado aos cidadãos de Lisboa, — officio que era assinado pelos republicanos que vimos de citar, — recortamos alguns periodos que, sendo da mais flagrante oportunidade, demonstram a ignorancia e a má fé dos corifeus do democratismo dominante.

.....  
 «E' um empreendimento de liberdade e progresso que iniciamos. Estão longe do nosso animo as violencias e as sedições.

Usaremos da propaganda sob todas as formas permitidas. Procuraremos influir por todos os meios legais nas coisas publicas mostrando os defeitos das instituições, esclarecendo e preparando a opinião para as reformas democraticas que as circunstancias da patria tornarem necessarias.

Considerando a Republica como o unico governo logico, racional e conforme á dignidade do homem, pretendemos que essas multidões imensas, hoje privadas dos direitos de sufragio e de soberania, tenham voz e influencia na governação deste país,,.

Ninguem de boa fé ousará afirmar que as palavras proferidas pelos dirigentes da Esquerda Democratica, não correspondam aos desejos dos homens que ha 50 anos redigiram e assina-

ram o documento a que nos estamos reportando. «Doutrinas perigosas,,!

Que estranha mentalidade a destes homens!

Doutrinas perigosas, sim, mas ainda muito mais perigosas as obras que, ha quinze anos, veem propagando e operando, com manifesto prejuizo da Nação e da Republica, aquelles que o P. R. P. dirigem.

Ainda para fustigar essas propaganda e obra, os homem de 1876 nos dão elementos quando dizem :

«O desbarato dos dinheiros publicos e o crescimento rapido da despeza, são tendencia fatal e inevitavel das instituições imperfeitas que nos governam.

«Os juros da divida consolidada absorvem metade da nossa receita annual, e os melhoramentos são tão escassos na presença deste encargo enorme, que de nenhuma sorte o podem ou explicar ou justificar. A escassez dos nossos melhoramentos morais, figurando entre eles a mesquinha instrução publica, ainda faz maior contraste á nossa divida colossal. Os rendimentos do Estado têm aumentado consideravelmente, mas prodigalidades da despeza, verdadeiras prodigalidades monarchicas, aumentam numa progressão muito mais veloz,,.

São duma flagrante oportunidade estas palavras. Foram elas escritas ha meio seculo, é certo, mas tambem é certo que elas têm agora uma rigorosa applicação ao partido democratico.

O partido democratico, em 1926, governa como a monarchia em 1876, e governa com o aplauso das bestias que andam por aí a afirmar que «pertencem ao numero das pessoas que querem a ordem social e a tranquillidade nos espiritos,,.

\*

«Doutrinas subversivas que não são republicanas,,. Burros chapados!

Doutrina subversiva, bolchevista,—a reforma agraria.

Vejamos o que pensavam os republicanos de 76 acerca desse magno problema :

«Prosperaria a condição de todos e principalmente a sorte da classe assalariada, com uma economia sensata nas despesas publicas, e uma administração severa e escrupulosa da receita do

## A CHOLDRA

Estado. Seria também um progresso importante para a riqueza nacional, e promoveria gradualmente os homens de trabalho á categoria de proprietários, o aproveitamento dos vastos terrenos que temos vagos e incultos e que, não pertencendo a nenhum individuo, pertencem colectivamente á nação. Mas só um governo democratico e poderes filhos da eleição e não da herança, nascidos, por assim dizer, das entranhas do povo e do país, serão capazes de alcançar este grande resultado.

«Com o estabelecimento de um tal governo ficariam eliminadas muitas verbas de despeza monarchica e infecunda, correspondente a uma receita que nos ajudaria á solução de alguns dos graves problemas, que o direito á vida, ao trabalho e á civilização nos estão pedindo.

Tal qual como os precursôres da Republica, afirmam hoje os homens da Esquerda que só um governo forte, composto por homens inteligentes, honestos e democratas, pode levar a efeito «a solução de alguns dos graves problemas, que o direito á vida, ao trabalho e á civilização nos estão pedindo».

Um governo do partido democratico, presidido pelo sr. Antonio Maria da Silva, só é prejudicial ao País e á Republica, porque é um governo de corrupção, de veniaga e de venalidade.

E' preciso quanto antes terminar com esta situação que deprime e que vexa todos os homens honrados de Portugal.

E' preciso acabar com esta tirania, a mais afrontosa que conhecemos, porque é a tirania dos burros, dos corruptores e dos vendidos!

## A desilusão de um republicano

Em infantaria 1, realisou-se no dia 23 a festa de recepção aos novos recrutas. A proposito, condecorou-se o cabo Gonzales Dalvez e foi inaugurada uma lapide honrando a memoria do cabo Decio Correia.

Quem foram estes homens?

Dois que galhardemente se bateram pela Republica contra o 18 d'abril e 19 de Julho. O ultimo morreu em combate.

A *Choldra* junta a sua homenagem singela á que foi prestada pelos officiais de infantaria 1 e regista, sentindo semelhante mente, o trecho de amarga desolação transparente no discurso com que o pai do cabo morto agradeceu o que faziam pela memoria de seu filho:

«Mas entre o meu coração atormentado e a minha alma satisfeita, o meu espirito reage indignado observando que o sacrificio do meu pobre filho e de tantos outros ignorados republicanos tem sido nulo, porquanto os elementos perturbadores são quasi recompensados, exalçados, saindo dos tribunais não como réus que são, mas como triumphadores. E á Republica, que tão rodeada de inimigos se encontra, mal irá se assim continuar».

## A moral dos «bonzos»

Aquele minuscuro ministro da Instrução, fiel ao principio dos homens e das mulheres do seu tamanho, de só gostarem de companheiros muito grandes, escolheu para seu chefe de gabinete um homem que é a sua antitese. Tem o dôbro da altura do sr. Santos Silva, o vereador da Invicta, sr. Henrique Sant'Ana.

Parece que só com muito sacrificio o sr. Sant'Ana se prestou a desempenhar o cargo de chefe de gabinete do ministro da Instrução, o mesmo se observando quanto ao cargo de edil portuense. Porém, o sr. Santos Silva, como bom *bonzo* que é, é que se não esqueceu de pagar esses sacrificios ao sr. Sant'Ana e resolveu pagar-lhe esses sacrificios com os dinheiros do Estado. Levantaram-se algumas dificuldades, mas o sr. Santos Silva, que embora seja pequeno, não é homem para perder tempo com pequenas coisas, removeu essas dificuldades e arbitrou uma ajuda de custo diaria de 40\$00 ao sr. Sant'Ana, estendendo essa sua resolução até á época, em que, em outro governo do sr. Antonio Maria da Silva sobraçou também a pasta da Instrução. Por esse despacho de efeitos retroactivos vai o sr. Sant'Ana receber cerca de cinco mil escudos. Como o sr. Antonio Maria da Silva afirmou ha dias que se ia entrar numa rigida moral administrativa, o sr. Santos Silva deu a seguinte moral ao caso:—encarregou o sr. Henrique Sant'Ana, professor da Escola Normal Primaria do Porto, de estudar em Lisboa os programas do Ensino Normal Primario, com a tal ajuda de custo a que acima nos referimos.

Bem diz o sr. Antonio Maria que o país está a saque.

## ENTRE BONZOS



— Com a regie ou com o monopolio, vocês hão-de meter lá correlegionarios. Vê lá se te lembras de mim agora. Eu também sou democratico!

## CARTA ABERTA

AO SR. DR.

## CUNHA E COSTA

*Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Cunha e Costa*—Meu eminente confrade.

Permita-me V. Ex.<sup>a</sup> que, apesar de não ter a honra de conhecê-lo pessoalmente, venha, desta tribuna livre, oferecer-lhe a minha inteira solidariedade e ao mesmo tempo afirmar-lhe o meu protesto contra a violência de que foi vítima no exercício da nobre profissão que V. Ex.<sup>a</sup> tanto honra. Faço-o, não só na qualidade de o mais insignificante dos seus colegas do foro, como na de cidadão, que vê, maguadamente, a Republica muito amada diminuída e comprometida por actos dessa natureza, cuja culpa afinal, cabe apenas aos homens, sem vergonha e sem princípios, que a dirigem.

Embora grande admirador do talento de V. Ex.<sup>a</sup> sou—superfluo talvez se torna dizê-lo—seu intransigente adversário político. Com seu filho, também nosso illustre colega, ainda ha pouco disputei as eleições de deputados pelo circulo occidental de Lisboa e por ele fui vencido. Nada disso, porém, conta para mim nesta hora em que só pretendo afirmar principios e apenas lamento que a minha solidariedade aberta, leal, sentida, seja para V. Ex.<sup>a</sup> absolutamente inutil.

Já V. Ex.<sup>a</sup> magistralmente, perante o publico—e acordará este publico?—pôs a questão.

O que os juizes assaltantes do seu escritório fizeram, era digno da Segurança do Estado, onde não ha lei, ou daqueles zelosos funcionários da Investigação Criminal que arrancam confissões aos presos—neste século, nesta Lisboa—da forma que nós sabemos.

Foi um atentado à Constituição e às leis? Foi pior do que isso, sr. dr. Cunha e Costa, porque foi um triste sinal dos tempos. E um sinal que ainda é mais visível, mais significativo e mais entristecedor, se conjugarmos o assalto a casa de V. Ex.<sup>a</sup>, levado a cabo por esses magistrados transformados em esbirros, com a insólita attitude da maioria da Camara dos Deputados—onde estão colegas nossos!—rejeitando o negócio urgente de Ramada Curto.

Disse que não era apenas como seu colega mas também como cidadão que me solidarizava com V. Ex.<sup>a</sup> e lhe afirmava o meu protesto e a minha indignação pela violencia de que foi vítima. E' porque essa violencia não interessa apenas à nossa profissão, deve interessar a todos os cidadãos, deve interessar ao pais, se neste pais amolecido e narcotizado ainda vibra alguma coisa capaz de garantir-nos que não se perderão, inteiramente, as liberdades publicas, à custa de tanto sangue conquistadas.

O que se fez com V. Ex.<sup>a</sup> e de uma maneira geral o que se está passando com os supostos autores da suposta falsificação de notas de 500 escudos—tudo suposições, por ora, visto que à face das leis do processo ainda não se chegou aos termos em que o caso pode considerar-se esclarecido—é próprio de um pais de hotentotes, sem offensa para os pobres selvagens. A parcialidade dos magistrados investigadores é visível. Eles, ao publico desapaixonado de que eu faço parte, dão a impressão nitida de que não procuram a verdade. Com as suas togas desalinhadas, que já nada tem de symbolico, investigam por ódio. A investigar levam a palma aos garbosos militares das varias policcias secretas. Partindo do principio de que os homens que estão presos são criminosos da pior espécie—e eu não tenho elementos para affirmá-lo ou negá-lo—fazem esta coisa singela: não lhes applicam a lei, não lhes applicam as leis penais, que são *mutatis mutandis*, que são na essencia e até quasi todas elas na forma as leis penais de todos os paises civilizados, que constituem o resultado de uma longa, difficil e brilhante evolução do Direito, que foram feitas precisamente para os criminosos.

Mas como se chegou até aqui, sr. dr. Cunha e Costa? Como se chegou até isto? Como foi possível isto? Parece-me que encontrei a explicação. Isto foi possível, porque se praticaram anteriormente neste pais formidaveis atentados à Constituição e às leis e o pais ficou insensível.

Sabe V. Ex.<sup>a</sup> o que succedeu com os chamados legionarios vermelhos. Eu posso falar porque, desde que os supostos legionarios foram deportados até hoje, ainda não deixei de protestar contra as deportações, embora quasi isolado. Só lamento a fraquesa da minha voz. Mas tenho protestado em toda a parte: nos tribunais, na imprensa, na minha propaganda eleitoral, nos centros politicos, nas conversas das ruas sempre. E, quando na vespera das eleições, o «Diario de Noticias» me entrevistou, perguntando-me o que faria na Camara dos Deputados se fosse eleito, não tive receio de alienar votos de burgueses timoratos e estupidos—o filho de V. Ex.<sup>a</sup> teve mais cento e tantos votos do que eu—e respondi, como num grito saído do coração: «a primeira coisa que faço é protestar contra as deportações».

Mas quantas pessoas das chamadas classes cultas protestaram? Os conservadores, por estupidez, aplaudiram, quando eles deviam ser os primeiros interessados no cumprimento da lei. Por estupidez, sim senhor, porque aplaudirem um acto desses pessoas que se dizem defensoras da ordem social é maior estupidez do que maldade. Não ignora V. Ex.<sup>a</sup> as condições em que os chamados legionarios foram deportados. Uma policia—a famigerada Segurança do Estado—prende, julga e condena. Fez tudo isso de uma assentada. Quer V. Ex.<sup>a</sup> maior atentado à Constituição e às leis? Nenhum homem de leis defendeu as deportações, é certo. Eram absolutamente indefensaveis. Poucos, porém, protestaram contra elas, abertamente. E combater as deportações não é, de maneira alguma, solidarizar-se com os crimes que alguns ou todos esses pseudo-legionarios porventura cometeram. Não. Eu não me solidariso com o crime. Combatendo as deportações, defendo apenas principios. Por uma questão sentimental? Sobretudo por uma questão de intelligencia. Defendendo as liberdades publicas, defendo a minha própria liberdade, que não quero deixar à mercê de um «tropa» violento e brutal. Para a Guiné, naquele vapor que levou os prisioneiros da Segurança do Estado, eu senti que não iam só eles. Ia também alguma coisa da nossa alma de cidadãos livres, que em suas mãos asperas um insignificante coronel, feito ministro do interior, amarfanhava e reduzia a lama. Criminosos os homens da Guiné? Mas se eles não foram julgados, eu tenho de admitir a hipotese de que está lá, pelo menos, um innocente e, sendo assim, as deportações não são apenas uma illegalidade, não são apenas

um atentado monstruoso à Constituição e ás nossas leis penais, são alguma coisa de deshumano, de cruel e de abominavel, que deve arrepiar todas as pessoas de mediana sensibilidade.

Quem protestou? Quem protestou contra isto?

Apelou V. Ex.<sup>a</sup> agora para a Associação dos Advogados, veneranda colectividade que me inspira a consideração de todas as coisas misteriosas e cabalísticas, que, como a grande maioria dos nossos colegas, não sei onde fica, o que faz e que função tem, cuja voz, quando sôa de longe em longe, parece vir do fundo de uma necropole e por cujos membros eu tenho o mesmo respeito que consagro aos faraós maravilhosos nos seus tumulos. Por mim, só desejo muito sinceramente que o movimento de protesto que V. Ex.<sup>a</sup>, com o seu officio à referida Associação, pretende provocar, seja energico, solene, eficaz. Vou na cauda do cortejo, que os logares da frente são para os que mais valem. Mas não falto. Sou contra todas as violencias, partam de onde partir. Estou ao lado de todos os violentados, sejam embora meus adversarios politicos ou meus inimigos pessoais.

Se esta carta, porém, não fosse longa e não estivesse já abusando da paciencia de V. Ex.<sup>a</sup>, eu dir-lhe-ia ainda que isto não vem só dos legionarios. Vem de mais longe. As deportações constituem um precedente tremendo. Veiu depois a longa, a indefensavel incomunicabilidade dos presos do chamado caso do Angola e Metropole. Veiu o assalto a casa de V. Ex.<sup>a</sup>, com a agravante da violação de correspondencia. Já a própria magistratura—alguns dos seus membros, pelo menos—diz nos jornais, publicamente e descaradamente que tem *poderes* para saltar por cima da lei, como se esses *poderes* não representassem para ela uma ignominia, o mesmo que despir-lhe a toga e enfiar-lhe no corpo uma farda de policia. E ha de vir mais. Porque não?

Mas ha precedentes mais remotos. V. Ex.<sup>a</sup> recorda-se do sidonismo? Eu podia até lembrar-lhe as muitas perseguições de que fui vitima, era então estudante de Direito e cometera o crime nefando de fundar, com outros colegas, uma Liga da Mocidade Republicana. O meu caso não interessa para a historia. Praticaram-se, porém, nesse periodo tenebroso as mais estranhas, as mais abominaveis violencias. Nos calabouços do Govêrno Civil, por exemplo, longo tempo estiveram presos sem culpa formada, entre milhares de cidadãos, que não tinham cometido crime algum e de mistura com ladrões e assassinos, juizes da Relação, como os srs, drs. Almeida Ribeiro e Caetano Conçalves. Quem protestou contra essas violencias?

Ah! Sr. dr. Cunha e Costa. E' porque neste pais de comodistas e de egoistas toda a gente parte do principio de que enquanto as coisas não lhe tocarem pela porta não vale a pena, e pode ser até incomodo e perigoso, protestar. Que protestem os outros, que protestem os lesados!

E assim se chegou a esta decadencia, porque é de decadencia a hora que passa. E assim se chegou a um momento em que os principios nada valem. E assim se chegou a uma altura em que todas as forças espirituais parecem ter abandonado esta sociedade.

Os principios não alimentam e nunca a vontade de comer foi tamanha. O espirito não é mercadoria com cotação na bolsa dos negocios em que a época é fertil. Mas que ao menos, por uma questão de intelligencia, por calculo, por defesa própria, protestassem. Pelo que me toca, a solidariedade que afirmo a V. Ex.<sup>a</sup> representa até isto: não quero que amanhã me suceda o mesmo.

Oxalá que todos compreendam, neste pais, que só unindo-nos contra todas as violencias—seja V. Ex.<sup>a</sup> a vitima ou sejam os legionarios vermelhos—podemos defender eficazmente o imperio da lei, os nossos direitos de cidadãos livres, as liberdades postergadas.

E' a Republica que eu defendo, defendendo estes principios? Não o nego, antes calorosamente o proclamo, porque a Republica do meu sonho é a justiça prestigiada, é a lei igual para todos, é o Direito triunfante, é a liberdade inatacavel, é a virtude.

Não é a minha Republica esta cortezã que se dá, que se aluga, que se vende a todos os rufias da politica. A minha Republica cobre-a um manto de alvura immaculada que ninguem pode enodoar.

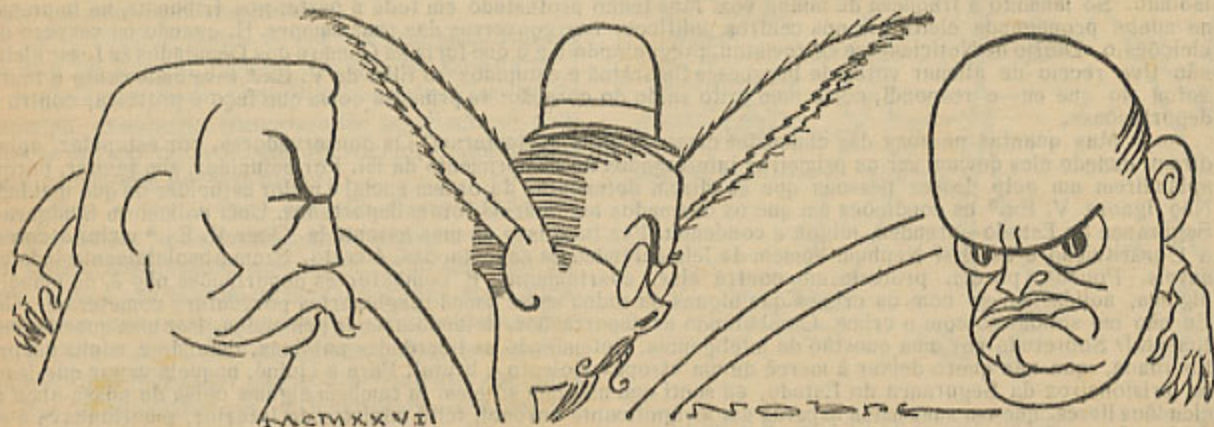
Mas embora esteja convencido de que quando proclamo os mesmos principios em que V. Ex.<sup>a</sup> se fundamenta para repelir a violencia de que foi vitima, defendo a verdadeira Republica e V. Ex.<sup>a</sup> não tenha fé nela, isso não impede que eu, apelando para a Republica do meu sonho e V. Ex.<sup>a</sup> para a Associação dos Advogados—duas ficções, dirão os que não acreditam em nada—nos encontremos naquele terreno em que dois cidadãos livres de uma Pátria livre se podem sempre encontrar.

Disponha, portanto, nesta conjuntura V. Ex.<sup>a</sup> do que é

Com a maior consideração, o mais humilde dos seus colegas

NÓBREGA QUINTAL.

## Os grandes «bonzos» da Europa



Hindenburg, Mussolini e... Antonio Maria

# Os sargentos e a Republica

## O abandono de uma classe prestimosa e republicana

Os sargentos !

Estamos daqui observando o sorriso imbecil de varias criaturas que, deslumbradas pela profusão dos *galões* e das *estrelas*, teem em pouca conta uma classe tão briosa, tão prestimosa, tão republicana, como é a dos sargentos.

De que servem, o que valom os sargentos, se nas suas veias não gira sangue fidalgo, (ainda bem) e, muito ao contrario, eles são plebeus, humildes cidadãos, gente do povo, da *choldra* — emfim ?

E logo a seguir a argumentação facil e corriqueira que os dá como pouco cultos, incapazes portanto de um rasgo de intellectualidade, — que os de abnegação, heroismo e fé patriótica e republicana não podem as *santas criaturas* pôr em duvida.

De resto, são talvez esses predicados que causam engulhos á pseudo *elite* que por ahí espolinha, escouceiando a honrosa folha de serviços da classe dos sargentos.

Ha alguns sargentos que não teem competencia para o desempenho do cargo ?

Pois se os ha, a culpa é unica e exclusiva de quem lhes *deu valores* nas escolas e nos concursos . . .

Uma grande parte deles é consciente, relativamente culta e . . . denodadamente republicana.

Dahi a perseguição acintosa feita a toda uma classe a quem não se consentiu representação no parlamento, roubando-se lhe os votos.

Como certos homens desta Republica, acarinhando ternamente em seu seio toda uma enorme fama de adversarios do regime, tratam os que a essa mesma Republica teem dado o melhor do seu esforço !

Quem deu maior contingente para o abortado movimento de 28 de Janeiro de 1908 ?

Quem, sacrificando a vida, o proprio futuro e o futuro dos seus, se manteve na Rotunda até o triunfo definitivo da Republica' sem abandonar o comandante Machado dos Santos ?

Quem, durante a Grande Guerra, em Africa e em França cumpriu honrada e nobremente os seus deveres e, mais do que isso, desempenhou cargos que pertenciam a officiais, como, por exemplo, o comando de pelotões ?

Quem, em proporção, sacrificou, mais do que ninguem, a sua vida em holocausto á Patria ?

Os sargentos !

Folheiem-se os livros sobre a guerra, leiam-se os relatorios officiais e neles se encontrará matéria de sobra para corroborar o que expomos.

Di-lo o proprio general sr. Gomes da Costa,

no seu livro *A batalha do Gys*, afirmando que o primeiro efectivo da sua 1.<sup>a</sup> Divisão, entre 14 mil e tal praças, contava cerca de 7 mil sargentos.

Di-lo a historia heroica do *9 de Abril* em que uma das baterias de artilharia morreu *quasi toda*.

Quere isto provar que os officiais e as demais praças deixaram de cumprir os seus deveres ? Não ! Todos ou quasi todos tiveram gestos de verdadeira heroicidade.

Mas se o regime tem dedicado à classe dos officiais um certo carinho, dispensando-lhe atenções, não é justo nem humano que a classe dos officiais inferiores, isto é, dos sargentos, seja votada ao mais completo e criminoso abandono.

Sendo certo, como por ahí se afirma constantemente, que em Portugal não ha exercito republicano, a culpa não é da corporação dos sargentos, essencialmente republicana.

Senhores legisladores !

Se não quereis que a particula republicana do exercito de terra e mar seja obrigada a abandonar a carreira das armas procurando profissão melhor remunerada e com mais regalias, olhai pelos sargentos !

A permanencia deles nas fileiras é segura garantia de que, se alguem tentar arrancar-lhe das mãos a bandeira verde-rubras para lhe entregar outra, terá de ouvir aterrado o grito de :  
Viva a Republica !

---

## A "BATALHA"

Celebrou na passada terça feira, 23, o seu 7.<sup>o</sup> aniversario o nosso presado colega «A Batalha». Por muitas que sejam as discordancias em pontos de doutrina que nos separem do diario sindicalista, é forçoso reconhecer-se que a causa da Liberdade tem nas suas colunas encontrado, o mais acerrimo e devotado defensor.

Muitos parabens e votos por que muitos mais anniversarios registe.

---

*Seja, pois, a Verdade a nossa noiva espiritual, a nossa noiva ideal. Amemo-la, propaguemo-la, com a mesma fé com que amamos e propagamos a liberdade. Defendemo-la até á morte. Transformar o mundo pela Verdade é preparar a revolução dos espiritos, sem a qual não ha revolução decisiva. O que seria a natureza se o sol a não criasse com os seus raios de ouro ? O mesmo succederia com o homem, se a Verdade lhe não iluminasse o espirito. O sabio o apostolo, o poeta, o artista, não tem outro fim que não seja a propagação da Verdade.*

Magalhães de Lima.

Uma exploração ignobil

## As tómbolas automáticas

Quem pretenderá de novo o seu funcionamento?

Vai ser novamente permitido o funcionamento das *tombolas-automáticas*?

Pelo menos, ao que nos consta, grandes influencias se movem junto do governador civil de Lisboa para que volte a ser autorizada essa ignobil exploração.

Mas quem terá interesse no funcionamento desses aparelhos?

Quando foi da sua proibição, protestaram as quatro associações de beneficencia autorizadas, por despacho do ministro do interior sr. Antonio José d'Almeida e com a fiscalização da policia administrativa, a instalarem *tombolas-kermesses* automaticas de objectos moveis, em diversos estabelecimentos da capital e cujo produto revertia em beneficio dos cofres dessas instituições.

A opposição dessas colectividades beneficentes foi vencida com a concessão de um subsidio mensal do governador civil. Não são pois, certamente essas instituições que ora reclamam que voltem a funcionar esses aparelhos. Quem serão, pois os interessados? Tratar-se-ha de uma nova *honrada firma comercial da nossa praça* que, honesta e patrioticamente, pretende exercer esse ramo de negocio enriquecendo á custa dos reduzidos tostões e da miseria moral do povo?

A vêr vamos.

## MOÇAMBIQUE

Ha longos meses que os ferroviarios de Lourenço Marques se mantem em greve reclamando justos direitos.

Luctam com galhardia. Teem, por isso, a nossa simpatia.

Naquella cidade existe um homem que, na Esquerda Democratica, afirma estar filiado—o sr. Figueiredo Lima.

Em verdade, o sr. Figueiredo Lima é filiado naquele agrupamento politico.

Pela sua forma de agir, pareço, porem, não o ser. Fazendo já o jogo dos elementos mais reacionarios da Provincia, o sr. Figueiredo Lima ataca os operarios e deturpa os factos. Um tal correlegionario não serve á Esquerda Democratica.

Nós pensamos assim, e rejubilamos por, até nós, ter chegado a noticia de que os dirigentes daquele agrupamento politico officiarão para Lourenço Marques negando o seu aplauso á attitude de Figueiredo Lima e convidando-o a arrear caminho ou a... «sair».

Em verdade, só assim se pode manter o prestigio de um partido que, como a Esquerda Democratica, ao lado dos explorados se afirma.

## Outros tempos

Perguntas ao ministerio do reino que se podem repetir hoje ao sr. Antonio Maria

Vamos reproduzir duas só das seis perguntas que, num discurso pronunciado pelo sr. dr. Afonso Costa em 1908, foram dirigidas ao sr. Ferreira do Amaral, então ministro do Reino.

Reproduzimo-las e perguntamos aos republicanos que nos lereis, se a sua recordação lhes não faz subir' do mais fundo da alma, uma onda de indignação e de revolta por estes homens que para af estão transformando a Republica num lamaçal?

Preguntava o actual *persona grata* do sr. João Ulrich:

«Estão feitas as necessarias sindicancias, pelo menos aos abusos e crimes mais recentes cometidos pela policia, como as ameaças e violencias fisicas contra os presos, a intervenção brutalissima em Santos no dia 5 de Abril, etc., e qual o resultado dessas sindicancias?»

Isto ontem. Hoje: o fusilamento dos Olivais, o assassinato de Domingos Pereira, o espancamento brutal dos presos, a incomunicabilidade sem limites, as deportações sem julgamento, as ameaças sem conto, etc., etc.

Outra pergunta do sr. dr. Afonso Costa:

«Quando proibe o governo á policia o uso e porte de revólver, e, no centro da cidade, o do proprio sabre?»

Isto ontem. Hoje: policia com sabre, *casse-tête*, pistola, espingarda, canhões revólvers, granadas de mão, etc., etc.

Acham bem?

## A questão dos tabacos

Vai acesa a discussão em volta da questão dos tabacos. As opiniões — e talvez com mais propriedade devamos dizer os interesses — chocam-se. Ha os que querem o monopolio particular, ha os que defendem a *regie* do Estado, ha os que são pela liberdade. Nós somos por principios e por ser este o regime que melhor defende os interesses do publico, pelo livre fabrico e pelo livre commercio.

Os operarios da Companhia actualmente monopolizadora, pretendem a *regie*, e á liberdade da industria preferem o monopolio. Compreende-se porquê. A Companhia tem actualmente ao seu serviço centenas de operarios que, pela sua avançada idade, pouco ou nada fazem. Esses velhos, quazi invalidos, receiam ficar sem pão, certos de que, no regime livre, nenhuma fabrica os admitiria. E' razoavel o receio; é justo que se defendam. E se é certo que os interesses, por muito legitimos que sejam, de 400 familias não podem subrepor-se ao interesse de cinco milhões individuos, não meos certo é que não é humano que o Estado se esqueça daqueles que deram á colectividade uma vida inteira de trabalho, deixando-os sem protecção e sem meios de subsistencia. Somos pelo regime da liberdade, mas queremos que sejam acautelados os interesses dos operários e não sejam esquecidos nem postos á margem, sem a protecção a que teem direito, os que na industria arruinaram a sua saúde ou nella envelheceram.

POR BEM...

## DA VIDA MENTAL

## Duas exposições-más

A semana passada deu-nos duas exposições de pintura. Duas exposições más, digamo-lo já. Uma, a do pintor Joaquim Lopes, do Porto, inaugurou-se com reclamos a grande instrumental, que até pareciam pagos; a outra, mais modesta, dum moço Sanches que para se entreter fez aguarelas, foi «bem recebida pela critica».

Ah! esta critica de arte, quando teremos nós tempo para a zurzir condignamente...

Diz-se que em Portugal não há uma escola de pintura, que sendo nós um povo com nitido sentido da cor e da luz, não sabemos pintar. Pois como havíamos de saber, com essa critica que anda pelas gazetas a queimar incenso aos borra-telas para lhes apanhar os quadros? E como havia de haver critica se não há criticos, pois os que se decoram com esse nome, — salvas duas ou três excepções na imprensa diária, — são uns meninos-prodigios que não sabem nada de nada e muito menos de arte, que não têm sensibilidade nem cultura e tanto podem fazer a critica duma exposição, como a noticia duma facada!

Pois a exposição do tal sr. Lopes, génio do Porto, foi recebida com luminarias pela critica. A verdade é que a critica é parva e o génio do pintor, nulo.

O sr. Joaquim Lopes não é precisamente um pintamonos. É um pintor. É mesmo aquilo que se convencionou chamar um «pintor de artes», para distinguir a aristocracia da paleta, dos pintores de taboetas. O sr. Lopes estudou as regras da sua arte tem tecnica e é, quanto possível, probo. Daí, porém, a ser um génio, há uma pequena diferença.

Nas suas composições de «ar-livre», há uma infinita banalidade quanto aos temas, e vicios de realização detestáveis. Teima em pôr sol nos seus quadros e eles saiem-lhe como que iluminados a petróleo ou velas de cêbo; quere dar animação ás figuras, nas grandes scenas rurais, e dá-nos fotografias coloridas, com poses inverosímeis; pretende imprimir expressão, vida interior aos retratos e eles apresentam-se frios e parados, incrustados nas telas, como doenças de pele.

Pois o sr. Lopes é assim, um mau pintor, com qualidades, porém, para, se estudar, convencendo-se de que não é precisamente um génio, fazer o trivial na sua arte—uns bonecos que os burgueses pagam para se darem ares. Apesar de ser assim,—é do Porto. É como todos somos do Porto ou temos lá uma prima, por baírrismo, por cavalheirismo, puzemo-nos a dizer que o cavalheiro era um génio. E já agora, não se livra da alcunha.

O outro expositor, é um moço aguarelista—José Dias Sanches, de sua graça—que tem um bocado de geito para fazer bonecos. Disseram-lhe tambem no ano passado que tinha talento e, vai daí, piorou.

As suas *marinhas* de agua suja são feitas a carvão, e os seus interiores de igrejas *lambidos*, parecem pintados por beatas em dia de confissão geral.

Em poucos países será tão frequente a audacia de fazer uma exposição individual, como no nosso. Convem meter estes meninos na ordem e dizer-lhes que não nos incomodem com a exhibição dos seus mamarrachos. Façam-nos lá, em familia e ofereçam-nos ao padrinho no dia dos anos, mas pela sua rica saude não nos maçem.

Não há para aí um *Salon*, ou coisa que o valha? Pois concorram a ele com os trabalhos em que mais se esmerarem durante o ano. Não têm confiança nos juris de admissão, agrupem-se; façam um *salon* de «recusados» ou «independentes» e se tiverem talento—lá lhes chegará a sua hora. Permitirem-se, porém, o luxo de fazerem exposições individuais, com quantas bonecadas arrebanhem pelos *ateliers*, e que é desplane.

Para vender os quadros não é preciso fazer exposições; basta publicar um anuncio na secção respectiva dos jornais ou então chamar o ferro-velho. Ao menos poupanos o trabalho de ir, atraídos pelo chamariz—exposição,—procurar algumas impressões de beleza, recebendo, porém, só do que observa uma infinita sensação de nojo.

## «Porque me orgulho de ser português», por Albino Forjaz de Sampaio

Albino Forjaz de Sampaio, desde que logrou o colar da Academia—decaiu. Sucede assim com todos. Era um audacioso, um irreverente, empregava nos seus escritos frases que sibilavam como chicotadas e tinha conceitos originaes sobre os homens e as instituições, a ordem e a moral, que punha em letra redonda, com raro desassombro. Foi insultado, escarnecido—e riu-se. As «canastras» chamavam-lhe republicano, mas liam-lhe os livros; nas redacções os «redactores de expediente» rosnavam que dava facadas na gramatica e ele ia vendendo as suas edições, por grosso e a retalho, como nunca ninguém vendeu em Portugal.

Depois—como dizem os brasileiros que lhe devoram a produção—«avacalhou-se». Puz-se a fazer coisinhas sem tom nem som, como essa que agora deu à estampa—«Porque me orgulho de ser português». Nem o plano da obra é ao menos original, nem a materia dela possui qualquer interesse, nem a linguagem em que está escrita se aproxima sequer das peores paginas do autor das «Cronicas Imorais» ou das «Vidas Sombrias».

O livro é—como dizem aqueles brasileiros que plagiam Forjaz de Sampaio—uma «cavação». No seu patriotismo piegas é livro *ad usum delphini*, mas dos delfins, filhos dos reis da moagem ou dos reis do Angola e Metropole. É obra para ser aplicada a premios escolares, quem sabe adaptada para exercicios de leitura nas escolas, o que seria uma mina para o editor.

O valor da obra podemos integrá-lo nisto—se Albino Forjaz de Sampaio não fosse já academico, ela bastaria para lhe abrir as portas do Museu da rua do Arco a Jesus, onde se expõem todos os «jacarés empalhados» desta geração.

## «Bibliografia de Mafra», por João Paulo Freire

Organizar uma bibliografia, seja ela de Mafra ou da Lourinhã, é sempre um trabalho ingrato, ainda que ás vezes capaz de interessar aqueles que não militam na confraria dos arqueologos do livro.

O ultimo livro de Paulo Freire «Bibliografia de Mafra» é no genero—cremo lo—completo. Deve interessar sobretudo aos bibliofílos e aos mafrenses que saibam ler.

Paulo Freire, terrantez de ao pé de Mafra, vota áquella coisa que o senhor rei D. João V lá mandou fazer, um culto, que talvez seja um bocadinho exagerado; todavia, quem o feio ama...

No prefácio da bibliografia, Paulo Freire presta aos seus futuros biogratos um valioso serviço. Quando os vindouros quiserem colcar a lápide glorificadora na casa onde nasceu Freire, não encontrarão um Ludovico de Meneses qualquer que se meta a pôr duvidas sobre o local. A casa lá vem reproduzida no livro, assim como indicação de todas as outras em que Paulo Freire habitou em Mafra. É que Freire não deixa os seus credits por mãos alheias. Os credits e a gramatica, que é bem sua, pessoalíssima e rica de originalidade.

## NO MUNDO DESPORTIVO

## O vigário do box... no Coliseu

Como se especula com o publico — Desmascarando um falso defensor da «nobre arte.»

No cumprimento da missão a que nos impuzemos, de divulgar aos leitores de «A Choldra» todos os roubos ou vigários praticados pelos falsos desportistas, não podíamos por forma alguma deixar de tratar da organização das soirées de box, no Coliseu, principalmente da ultima, que tanta celeuma levantou e que levou o publico a manifestar o seu desagrado, partindo a maioria das cadeiras dessa casa de espectaculos. O que se praticou nessa noite, foi um autentico conto do vigário, que obrigava as autoridades a intervir e a proceder, sem consideração de especie alguma.

De ha muito que esse arremedo de combates de soco, a que só por ironia se pode chamar a nobre-arte, devia ser proibido pela policia.

Compreendemos o box como uma verdadeira esgrima de punhos, praticada por criaturas de uma robusta compleição atletica e com o organismo proprio para tão brutal desporto.

Agora, entre nós, onde os boxeers se conhecem a dedo pela sua insignificancia, quando se apresentam no «ring» nos causam pena, pois que são uns autenticos «esqueletos articulados», as autoridades superiores do distrito deviam intervir com energia e proceder com firmeza.

Compreende-se lá, que um individuo ao passar em qualquer rua, sendo ofendido por outrem, tire desforço e seja preso, e no Coliseu, lá porque se afixaram uns cartazes, vigarisando o publico, duas criaturas se possam esmurrar á vontade e ainda por cima com o auxilio da policia?

E' um perfeito absurdo.

Porque, o que se tem presenciado nas tais faladas «soirées de box», é pugilato puro...

Um dos grandes defensores da organização de tais espectaculos, tão improprios da epoca actual, pois que os combates de soco eram os espectaculos preferidos na epoca do desportismo romano, tem sido o redactor desportivo, passe o termo, do órgão da Moagem e agora, segundo nos consta, dos Bonzos,—o «Diário de Noticias».

Nas colunas desse jornal, desde ha longo tempo que, com uma enorme desfaçatez, se vem defendendo a pratica de tão barbaro, como brutal exercicio, que já algumas mortes causou entre nós.

Participando dos lucros da organização desses espectaculos, quando não é o seu principal organizador, onde o publico é vilmente explorado, esse falso desportista tem praticado verdadeiras burlas.

Tem falido varios organizadores, como Moreira do Ó e varios, mas elle enriqueceu...

Podíamos, se quizessemos, mas não vale a pena, detalharmos as organizações burlas, praticadas num antigo circo da feira do Parque Mayer e em varios outros lados.

Mas entendemos ser mais necessario falarmos da organização do ultimo vigário, que ainda está na lembrança do publico que tão roubado foi com uma desfaçatez sem limites.

Quando Santa, o Camarão, combateu o pugillista francês, Barrick, e foi proclamado vencedor pelo arbitro sr. Borges de Castro, a maioria dos jornais, no dia seguinte á organização do combate, criticavam com asperza a decisão tomada pelo arbitro que, no seu entender de criticos, não tinha sido justa.

Quem armou em campeão desses protestos, foi o

redactor desportivo do «Diário de Noticias» que entrevistou varios e tratou do caso, largamente, por uma ou duas vezes.

No seu entender de critico, Santa não valia um centavo, classificando o combate de uma burla, etc. etc.

Já que não podemos transcrever um bocado da prosa desse cavalheiro, o que nos roubaria bastante espaço, diremos aos nossos leitores que procurem o «Noticias» dessa ocasião e aí terão ensejo de ver que o que afirmamos é a expressão da verdade.

Nós que conheciamos de tradição o «passaro», vimos logo que all andava coisa.

De que se trataria?

Depressa o viemos a saber, e o vamos divulgar.

Como Camarão era um belo numero, esse cavalheiro escreveu ao menager, ao desportista Alexandre Cal, propondo-lhe 10 mil escudos para que Santa tomasse parte em varios espectaculos.

Na mesma ocasião, Oliveira Valença e Sabreu, sabedores do caso, ofereceram 15 mil escudos e obtiveram o que pretendiam.

Como é de calcular, o M. S. ficou furioso e como só se podia vingar no jornal, esperou pelo combate e fez o que todos sabem.

Não contente ainda, escreveu a Cal dizendo-lhe que, ou lhe davam Santa, ou ele não parava com a campanha.

Camarão, apesar da sua fortaleza e dos seus musculos, tremeu.

Os organizadores igualmente.

Foi então que um embalador surgiu, Borges de Castro, segundo nos informaram.

Iniciaram-se as negociações, esteve a coisa tremida, mas por fim tudo chegou a um accordo.

Os portuenses davam Camarão, e os lisboenses arranjavam um bom numero, Romão.

O que foram esses combates organizados por essa trindade, já todos o sabem.

E não repararam?

Camarão quando combateu Barrick não prestava. E dias depois, quando o negocio estava feito, ao vencer o velho inglês, estava formidavel.

E o publico foi na fita.

Anunciou-se novo pugilista inglês, que não appareceu e foi substituido por Soldier Jones, canadiano, *entreneur*, de Santa e que ha pouco tempo não resistiu 90 segundos a Paulino...

Para aqueles que «viram», qual foi a maior burla?

O combate de Barrick ou de Soldier Jones?

O ultimo, não restou duvidas a ninguem.

Porque foi que o «Diário de Noticias» não se insurgiu como da primeira vez?

A cumplicidade é evidente.

E o publico ainda vai na fita, acreditando em tudo que estes cavalheiros, disfarçados em defensores do desporto, lhes vai impingindo na mira unica de ganhar dinheiro, o unico intento que os leva a tratar da educação fisica e de outras «cosas más».

Agora que «A Choldra» appareceu para desvendar todas estas artimanhas, talvez que se consiga o que todos desejam.

O saneamento de todos aqueles que tratam de assuntos desportivos, separando o trigo do joio...